

ENTREVISTA CARLOS ROBERTO BITTENCOURT, presidente da FISENGE

FISENGE renova mais de 65% de sua diretoria

Eleito no 8º Consenge para assumir a presidência da FISENGE durante os próximos três anos, Carlos Roberto Bittencourt sabe do desafio que tem pela frente. Convicto da importância das bandeiras de luta da Federação, investe nas ações coletivas de mobilização junto às novas questões que envolvem a engenharia nacional, como o PAC e o pré-sal, e ressalta o papel do Consenge no amadurecimento dos sindicatos e de suas posições no cenário nacional. Para Bittencourt, o fortalecimento do elo entre a FISENGE e os sindicatos filiados será determinante para a consolidação de novas conquistas.



Arquivo Senge-PR

Durante o 8º Consenge, muito se falou sobre a necessidade de ter a Engenharia como protagonista na construção de um país mais justo. Como a Fisenge deve atuar para elevá-la a este status?

Quando falamos de Fisenge, estamos falando dos sindicatos e ela filiados. Quando os sindicatos estão participando das lutas dos movimentos sociais, discutindo as políticas públicas, aumenta a demanda de projetos. Com a recente aprovação no Senado do projeto sobre Engenharia Pública, ganha espaço a questão da Engenharia com Inclusão Social e Desenvolvimento, lema do nosso Congresso. Outro projeto, também vinculado às nossas lutas, é o PAC. Temos que acompanhar de perto como estão sendo aplicados os recursos de cada estado nos municípios; fiscalizar e ver se os recursos

– que não são poucos – estão sendo usados para promover o desenvolvimento. Para nós, profissionais da Engenharia, é extremamente importante este acompanhamento permanente.

O pré-sal foi pauta importante nos debates promovidos no Consenge. Quais os desdobramentos para ações concretas?

Esse é o grande debate nacional, principalmente sob a ótica dos movimentos sociais e sindicais, que a grande imprensa procura esconder, tratando apenas de questões periféricas. É extremamente importante para o Brasil o salto que poderemos promover em diversas áreas. Mas,

temos que refletir: quem irá se apropriar das descobertas? Quem se beneficiará com a exploração desses mega-campos de petróleo e gás? Durante o Consenge, discutimos esta questão de maneira bem sistemática e chegamos à conclusão que o Brasil deve se apropriar desta renda, revertendo-a em benefícios para a população. Isso só será feito com a mudança no marco regulatório da nossa Lei do Petróleo. Outro ponto importante trata da criação de uma nova estatal para administrar o pré-sal, que ainda está em discussão. Ou será que é a Petrobras, por tudo o que fez e representa, quem deve ficar à frente da descoberta? Hoje, a Petrobras tem menos de 50% das suas ações nas mãos do Estado, e grande parte destas ações está sendo cotada na Bolsa de Nova Iorque. Portanto, se o pré-sal

ficar nas mãos da Petrobras, temos que verificar de que forma será feita essa gestão, de modo a reverter boa parte da riqueza para dentro da nação. No momento, nem o Congresso nacional, tampouco a Fisenge, têm uma posição fechada sobre a criação dessa nova empresa pública. O fato é que o debate está lançado. Temos que aprofundar as discussões dentro dos sindicatos para que a nossa posição se fortaleça em âmbito nacional.

Quais são as perspectivas para o próximo triênio à frente da Fisenge?

Sempre que se troca uma gestão, espera-se que a nova esteja comprometida com avanços. Mudou mais da metade da Diretoria Executiva. Contando os Diretores

Suplentes, a renovação está em torno de 65%. São diretores que estão fazendo parte da direção da Fisenge pela primeira vez. Chegam dispostos a trabalhar e alcançar resultados. Podemos dizer que é uma Fisenge renovada e com novas propostas, procurando manter como herança da gestão passada a forte participação em políticas públicas, na discussão do Fórum Nacional de Reforma Urbana, no Ministério das Cidades, no debate da Engenharia Pública, além do aprofundamento nas questões sindicais, como o fim do imposto sindical e a implantação da taxa negociada. Queremos garantir uma ação maior junto aos sindicatos e participar mais ativamente das negociações coletivas. É um desafio para a Fisenge trabalhar junto aos sindicatos para que eles atuem de maneira incisiva neste cenário de mudança.

O que levou o plenário reunido em Florianópolis a considerar o 8º Consenge como um dos mais importantes encontros dos Sindicatos de Engenheiros filiados à Fisenge?

A metodologia usada no 8º Consenge foi muito positiva, assim como foi fundamental a função dos encontros estaduais. A sistemática de levar cinco propostas de cada tema para o Congresso Nacional da Fisenge também permitiu um grande avanço. Com esta organização conseguimos focar nos assuntos mais importantes, priorizando o que cada sindicato trouxe de mais relevante de seus encontros. O crescimento do país e o avanço da Engenharia fazem com que os dirigentes sindicais fortaleçam seus encontros e o nível dos debates, e isso foi fundamental para o sucesso do 8º Consenge.

“É um desafio trabalhar junto aos sindicatos para que eles atuem de maneira incisiva neste cenário de mudança”